

RUI LOMELINO DE FREITAS

OS MANIFESTOS
ROSACRUZES

Índice

I – Os 400 anos de tradição Rosacruz	9
A chave dos Manifestos: C. R. C.	10
Quem foi (ou quem é) Cristão Rosacruz?	12
A Ordem Rosacruz existiu?	15
Unidade na multiplicidade	18
Em que consistia a tripla iniciação rosacruz?	23
II – Publicar ou não publicar? Impactos de uma explosão	25
III – A reforma absoluta do mundo inteiro	33
Precusores do pensamento moderno?	35
Uma nova forma de ciência?	36
Uma reforma política?	37
Uma nova religião?	38
IV – Rosacruz e os direitos humanos	41
Os direitos humanos espirituais	43

V – As fontes filosóficas, religiosas e literárias	
na origem dos Manifestos	45
O cristianismo esotérico	46
O hermetismo	49
A herança mística e filosófica islâmica	54
Paracelso	58
VI – O projeto, o contexto e o Espírito Santo	
(profetismos incluídos)	63
VII – O Rosacruz inspirador dos Manifestos	71
VIII – Quem (realmente) escreveu os Manifestos?	79
<i>Fama Fraternitatis Rosae Crucis</i>	87
Introdução à <i>Fama Fraternitatis Rosae Crucis</i>	89
A edição da <i>FAMA</i> em português	92
A edição (mais) completa da <i>FAMA</i>	92
O périplo de C. R. C. e a fundação da Ordem	94
<i>Fama Fraternitatis Rosae Crucis</i>	99
<i>Confessio Fraternitatis Rosae Crucis</i>	119
Introdução à <i>Confessio Fraternitatis Rosae Crucis</i>	121
Um tratado de cura	123
<i>Confessio Fraternitatis Rosae Crucis</i>	127
A <i>Confessio</i> da Fraternidade Rosacruz	
aos Ilustrados da Europa	128
<i>As Núpcias Alquímicas de Cristão Rosacruz</i>	139
Introdução às <i>Núpcias Alquímicas de Cristão Rosacruz</i>	141
A tradução e a tradição	141
Um livro que vale mesmo a pena... ..	143

OS MANIFESTOS ROSACRUZES

Um conto mágico para uma transformação individual	145
Guardião do Graal	146
<i>As Núpcias Alquímicas de Cristão Rosacruz</i>	149
<i>Primeiro dia</i>	149
<i>Segundo dia</i>	157
<i>Terceiro dia</i>	172
<i>Quarto dia</i>	198
<i>Quinto dia</i>	214
<i>Sexto dia</i>	225
<i>Sétimo dia</i>	240
Glossário	251
Bibliografia	269

I

OS 400 ANOS DE TRADIÇÃO ROSACRUZ

O nome Rosacruz emerge na História há 400 anos, no início do século XVII, com a publicação dos três Manifestos, fruto da reflexão espiritual de um círculo de amigos: eruditos, teósofos¹ e místicos alemães, que se reunia em Tübingen, uma pequena cidade da Floresta Negra. Por essas três obras literárias perpassa o apelo à *reforma geral do mundo inteiro* (em que a palavra «reforma» deve ser entendida no sentido de «renovação» estrutural). Num contexto cristão e hermético (não no sentido de fechado, mas no da tradição relativa a Hermes Trismegistos), propõe-se que uma determinada renovação (ou reforma) do ser humano comece e tenha como base a investigação e o conhecimento das leis das duas naturezas do Universo.

¹ Os termos «teósofo» e «teosofia» são usados de modo consistente na Alemanha no século XVI, no movimento inspirado em grande parte nas obras de Paracelso (1493-1541). É nos séculos XVII e XVIII que a Teosofia se distingue claramente da nova ortodoxia formada com a Reforma Luterana. A obra do místico alemão Jakob Böhme (1575-1624) contribuiu fortemente para difundir o uso do termo, embora este raramente o aplicasse. Foram referidos na sua época como teósofos Jan Baptist van Helmont (1618-1699), Robert Fludd (1574-1637), John Pordage (1608-1681), Jane Leade (1623-1704), Henry More (1614-1687), Pierre Poiret (1646-1719) e Antoinette Bourignon (1616-1680), que buscavam a revelação através da pesquisa das leis naturais. Athanasius Kircher (1652), em *Oedipus Aegyptiacus*, designou o Neoplatonismo e o Hermetismo como Teosofia no sentido de metafísica divina.

A Reforma Rosacruz parte do princípio de que a Humanidade se encontra no limiar de um salto qualitativo de consciência. Tudo depende da consciência individual e da sua boa vontade para se deixar conduzir em direção a uma consciência centrada na comunidade humana como um todo e para se entregar à luz da Unidade.

Diversos pensadores, como Jakob Böhme, Robert Fludd, René Descartes, Jan A. Comenius, Isaac Newton, Robert Boyle, Gottfried W. Leibniz, Karl von Eckartshausen, Johann W. Goethe, testemunharam da sua orientação humanista Rosacruz. E vários movimentos contemporâneos, como a Franco-Maçonaria, o Martinismo, a Teosofia² contemporânea ou a Antroposofia, consideram-se herdeiros do seu legado. No início do século xx, assistiu-se ao ressurgimento da tradição rosacruz e, atualmente, muitos movimentos adotam essa designação como emblema do seu trabalho.

A CHAVE DOS MANIFESTOS: C. R. C.

Embora empreguemos neste livro a palavra «manifestos», não se trata aqui de manifestos no sentido ideológico ou político corrente. No conjunto dos textos que aqui iremos apresentar, é anunciada a existência da Fraternidade (ou Ordem) Rosacruz, a sua missão e a possibilidade de transformação do género humano e de todas as Ciências, Artes e Filosofia. Ressoa neles a chamada para uma transformação de todos os âmbitos da vida humana, encorajando a «Restauração do Templo que é o Homem». Para isso concorre o conhecimento e aplicação das leis naturais, do *Livro M. (Mundi?)*, e das leis divinas, do *Livro T. (Theos?)*, através de um processo simultaneamente individual e social, conduzido pelo espírito liberto no ser humano. O plano da Reforma Rosacruz abarca três campos: ciência, religião e sociedade. O programa

² Distinto da Teosofia do século xvii, referimo-nos aqui ao movimento fundado em 1875. Na ata de fundação da Sociedade Teosófica pode ler-se a seguinte declaração de Helena Petrovna Blavatsky: *O Mestre [Moria] indica-nos que criemos um movimento como o das Lojas Rosacruzes...*

contido nos três textos que aqui apresentamos não procura promover uma revolução, mas sim um plano de transformação evolutiva de todas as estruturas. A esse respeito, o investigador Frans Smit (2001) afirma, na sua análise dos Manifestos, que estes textos «contêm uma chave, que faz com que o plano se eleve acima das ideias reformistas conhecidas e adquira um carácter universal». Essa chave, segundo Smit, encontra-se na figura de Christian Rosenkreutz.

Christian Rosenkreutz – também grafado como Rosencreutz, Rosenkreuz, Rosencreuz (todas corretas) – traduzido Cristão Rosacruz, é considerado o «Pai», fundador da Fraternidade Rosacruz e conhecido pelas iniciais C. R. C.

A origem da «Ordem» Rosacruz situa-se na «Morada do Espírito Santo». As narrativas têm como referenciais o cristianismo espiritual e a herança das luzes da Antiguidade, que impulsionou o Renascimento; por vezes assume a forma de uma fábula e tem como herói da história a personagem que possui o estranho nome Cristão Rosacruz. Os Manifestos no seu conjunto formam um apelo ao regresso a um cristianismo mais puro e autêntico, realizável através da visão hermética do mundo como um enorme templo-laboratório, no qual a contemplação das leis e das relações entre todas as coisas teria de conduzir a operações de desmaterialização – *solve* – e materialização – *coagula* – conduzidos pela essência crística, para uma transmutação da Humanidade. Essa proposta de renovação orienta-se para os três campos – ciência, religião e sociedade –, mas não se confunde com a Reforma Protestante, porque não se baseia numa nova interpretação das escrituras, mas fundamentalmente na procura de uma ligação direta com o espírito, para que a alquimia rosacruz seja coroada de sucesso. Como veremos a seguir, a adequação destas ideias aos tempos modernos é feita através da decifração e compreensão do protótipo simbólico: C. R. C.

QUEM FOI (OU QUEM É) CRISTÃO ROSACRUZ?

Cristão Rosacruz, C. R. C., o Pai e Irmão fundador da ordem, existiu historicamente? Muitos pensam que sim. Nessa hipótese, uma segunda questão se levanta: podem os textos dos Manifestos ser tomados de algum modo como fontes históricas? Para análise histórica, o texto das *Núpcias Alquímicas* oferece-nos consideráveis dificuldades, pela sua natureza de *conto fantástico*, pouco dado a uma interpretação literalista, ao pé da letra. Mas diversos autores têm-se debruçado sobre os dois primeiros Manifestos, peneirando por entre a fábula inspirada em indícios de que C. R. C. designaria uma personalidade histórica determinada. E também aqui o esforço de uma leitura não alegórica, essencialmente literalista, colhe várias dificuldades. Uma delas é perceptível no relato da *Fama*, quando os Irmãos R. C. reencontram o túmulo de C. R. C. Se a intenção dos autores fosse a de serem compreendidos num plano histórico, não teriam colocado a mais que suspeitosa descrição de C. R. C. sepultado em 1484 com a obra completa de Paracelso. Ora, os autores estariam perfeitamente cientes de que, à época, Paracelso ainda não tinha nascido³.

A nossa conclusão, a par da de muitos outros investigadores, é a de que, por um lado (independentemente de ter existido no final da Idade Média um fundador, correspondente à descrição de Cristão Rosacruz), as narrativas dos textos dos Manifestos não pretendem ser históricas. Os autores provavelmente tinham a intenção de fazer uma descrição rigorosamente significativa, mas alegórica. Mas, por outro lado, seria simplista afirmar que a descrição de C. R. C. é simplesmente ficcional, pois, como refere Frans Smit (2001):

O facto de este escrito [*Fama Fraternitatis*] se apresentar como o primeiro dos Manifestos indica-nos que a reforma geral do mundo tem de ir a par com o caminho de Cristão Rosacruz. Neste sentido, há que considerar C. R. C. como o protótipo daqueles que se realizam no mistério cristão da ressurreição, da iniciação para os novos tempos.

³ Donate Panke McIntosh (2016) chama a atenção para este facto.



COLLEGIUM FRATERNITATIS

Ilustração criada provavelmente em 1604 e publicada em 1618 na obra *Speculum Sopicum Rhodostauroticum* (Espelho da Sabedoria da Rosacruz), assinada por Theophilus Schweighart, pseudônimo do alquimista e astrônomo Daniel Mögling (1596-1635). Uma fortaleza move-se sobre quatro rodas, comandada por uma mão que sai da nuvem alada divina no Oriente (*Oriens*), o lugar onde o Sol nasce. A entrada é identificada pela chamada: *VENITE DIGNI* (Venham os Que São Dignos), posta acima do umbral em arco.

E por cima deste: *MOVEAMVR* (Vamos Ser Movidos). Ladeado por uma Cruz e uma Rosa. Na janela esquerda, um homem aponta para um globo, e na da direita entrevemos utensílios alquímicos. Acima das janelas está escrito: *IESVS NOBIS OMNIA* (Jesus É Tudo para Nós). Do lado esquerdo, da janela redonda, um braço direito ergue uma espada. Acima da espada pode ler-se: *CAVE TE* (Cuidado). Do lado direito há uma ponte levadiça a meio. Abaixo dela lê-se: *SI DIIS PLACET* (Pela Graça de Deus). Da janela redonda do lado direito ressoa a trombeta com as letras *C.R.F.*, *Christian Rosenkreuz Frater* (Irmão Cristão Rosacruz). Nas torres, erguem-se, à direita, folhas de palmeira e, à esquerda, um escudo com as letras hebraicas do nome de Deus. O telhado é uma cúpula oitavada com asas, encimada pelo campanário, com um sino. Por cima de tudo, a designação *Collegium Fraternitatis*, ano 1618. Em cima brilham as «estrelas» (corpos celestes) surgidas em 1602 e 1604, respetivamente, nas constelações de *Cygnus*, o Cisne, e de *Serpens*, a Serpente (consideradas anunciadoras de mudanças significativas). Em baixo, lê-se: *OCCIDENS* (Ocidente), para aqueles a quem a *Fama* se dirige. Mas o cavaleiro com a cabeça virada e o caminhante erudito à esquerda, sobrecarregado de conhecimento, com o chapéu enfiado, não conseguem ver o edifício. Só três pessoas o veem: a que está ajoelhada à direita, com a esperança (a âncora) fixada em Deus, e que diz: *Ignorantiam Meam Agnosco* (Reconheço a Minha Ignorância) e implora: *Juva Pater* (Ajuda-me, Pai); o homem à esquerda, que é puxado pela corda acima do *puteus opinionum* (poço das opiniões); o homem à direita, que caiu por não fazer caso do aviso *Festina Lente* (oxímoro latino que significa: «Depressa, mas com Calma»). Na parte superior esquerda, a Arca de Noé sobre o monte Ararat, de onde voam duas pombas. De *Septentrio* (Norte), um pássaro voa em direção aos Irmãos, e de *Meridies* (Sul), cartas e inscrições *Ad Fratres*, aos Irmãos, e *Fratri*, Irmãos. Do lado esquerdo, uma casa com letras maiúsculas escritas: *NOTA* (Atenção).